

Desenvolvimento de valores humanos nas aulas de língua portuguesa mediante a produção de resenha de um filme do gênero fantasia¹

Development of human values in portuguese language classes through the production of a review of a fantasy genre film

Norma Selmikat Paredes Saqib²
Universidade de Taubaté
Taubaté, São Paulo, Brasil

Maria José Milharezi Abud³
Universidade de Taubaté
Taubaté, São Paulo, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como tema a reflexão sobre o desenvolvimento de valores humanos na educação escolar na atualidade por meio de revisão de literatura. Os tempos atuais estão marcados por uma crise de valores éticos e morais e no espaço escolar, os reflexos dessa crise se tornam bastante evidentes. Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo oferecer uma proposta didática visando ao desenvolvimento de valores humanos mediante a produção de resenha de um filme, direcionada a alunos de 6º ano. Os pressupostos teóricos em que a pesquisa se baseia são: a construção dos valores humanos na escola nas concepções de Vigotski, La Taille, entre outros; a importância dos gêneros discursivos nos estudos de Bakhtin; as considerações de Citelli, entre outros, quanto ao uso de filmes em sala de aula como recurso didático para o desenvolvimento de valores humanos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, referenciada em categorias teóricas com base na interpretação do pesquisador, do tipo bibliográfico. Os resultados dessa proposta poderão contribuir não só para o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de gêneros textuais (orais e escritos), mas sobretudo para o desenvolvimento de valores humanos em nossa sociedade.

Palavras-Chave: Formação de professores. Valores humanos. Cinema. Educação.

Abstract: This article's theme is to reflect on the development of human values in school education today through a literature review. Current times are marked by a crisis of ethical and moral values and in the school space, the consequences of this crisis become quite evident. Given this scenario, this work aims to offer a didactic proposal aimed at developing human values through the production of a film review, aimed at 6th year students. The theoretical assumptions on which the research is based are: the construction of human values at school in the conceptions of Vigotski, La Taille, among others; the importance of discursive genres in Bakhtin studies; Citelli's considerations, among others, regarding the use of films in the classroom as a teaching resource for the development of human values. Methodologically, this is qualitative research, referenced in theoretical categories based on the researcher's interpretation, of the bibliographic type. The results of this proposal may contribute not only to the development of reading skills and production of textual genres (oral and written), but above all to the development of human values in our society.

Keywords: Teacher training. Humans values. Movie theater. Education.

¹ Este artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado, cujo título é “Desenvolvimento de valores humanos nas aulas de língua portuguesa mediante a produção de resenha de um filme do gênero fantasia” e foi defendida em março de 2024 no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada na Universidade de Taubaté – UNITAU.

² Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, Professora aposentada pela Prefeitura Municipal de São José dos Campos e professora aposentada pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: aquileia15@gmail.com

³ Doutora em Educação e professora da Universidade de Taubaté. E-mail: m.jose.abud@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A questão da ética e formação em valores é um tema necessário para a educação, como também acentua a Base Nacional Comum Curricular, (BNCC) (2018, p. 14), ao reconhecer “[...] que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento global do aluno, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica.”

Os tempos atuais estão marcados por uma crise de valores éticos e morais, como afirmam Cortella e La Taille (2018). Guerras, fome, violências, desigualdades e exclusões sociais são costumeiramente observadas não só pelas mídias como também no cotidiano das pessoas. No espaço escolar, os reflexos dessa crise se tornam bastante evidentes.

As queixas de professores sobre violência, falta de empatia e desinteresse pelas aulas são frequentes, tanto em instituições públicas ou privadas. Com relação à violência na escola, há casos recentes veiculados pela mídia que atingiram várias escolas brasileiras, que vão desde agressões verbais e físicas até ataques com armas de fogo, ou mesmo com ameaças que causam pânico, praticados por alunos, ex-alunos e também por pessoas externas à comunidade escolar.

É muito comum que situações conflituosas aconteçam na sala de aula, as quais poderiam ser discutidas e repensadas pelos alunos com a intervenção efetiva do professor no processo de formação em valores humanos. Nesse contexto, quase sempre os professores orientam os alunos a encerrarem o que estão fazendo, mas sem discutir com eles sobre suas atitudes. Sem essa intervenção, os alunos não entendem que não podem continuar a agir dessa maneira. Compreendemos que uma proposta educativa com ênfase no desenvolvimento e prática de valores morais e éticos poderá possibilitar não apenas a formação de cidadãos mais conscientes de seus direitos e deveres como também orientá-los para a vida em sociedade. Nesse aspecto, concordamos com Arantes, Pinheiro e Gomes (2019, p. 165) a respeito da concepção de ser cidadão atualmente:

Para além de seu sentido tradicional, expresso como um conjunto de direitos e de deveres que lhe permite participar da vida pública e política, ser cidadão na contemporaneidade tomou contornos mais amplos e um sentido de busca por condições que garantam uma vida digna a todas as pessoas.

Há uma relação estreita entre a construção de valores humanos e as experiências vividas por uma pessoa. A formação em valores humanos é um processo que compreende as experiências emocionais de uma pessoa a respeito de situações que vivencia durante sua vida. Essas experiências, denominadas *perezhivanie* (Vygotski², 1994), vão moldar as crenças e os valores dessa pessoa, norteando seu comportamento. Nesse sentido, reiteramos o que foi explicitado por Silva e Abud (2012, p. 65) a respeito do conceito *perezhivanie*, o qual pode ser traduzido como “vivência” ou “experiência vivida”:

Trata-se de um processo dinâmico, extremamente complexo, em que convergem vários fatores, resultando em experiências denominadas por Vygotsky (1934) como *perezhivanie*. Se, por um lado, a experiência emocional sempre se relaciona a algo fora do indivíduo; por outro lado, o que é representado é o modo como o próprio sujeito experimenta aquele fato. Numa experiência emocional há sempre uma unidade indivisível de características pessoais e situacionais que estão representadas na experiência emocional.

A partir dessas considerações, foi elaborada uma proposta de sequência didática que envolvesse a reflexão sobre valores éticos e morais por meio da exibição de filme e produção

textual do gênero resenha. Os filmes, que vêm encantando gerações, podem ser considerados como fábricas de sonhos, pelo aspecto lúdico, pelas belas imagens, pelos sons, pelos encantamentos e também como campos férteis para que a imaginação impere. Assim, o cinema, ao estimular a imaginação, pode influenciar a formação em valores humanos nas crianças por meio da reflexão acerca do comportamento e das atitudes dos personagens. Além disso, a evolução progressiva das tecnologias faz parte da vida delas desde cedo, tornando-as mais dinâmicas e com grande facilidade de interação com equipamentos, jogos e entretenimento em geral.

Com a inclusão de recursos tecnológicos no espaço escolar, é necessário rever as concepções de ensino e aprendizagem da escrita e da leitura. As tecnologias introduziram novos paradigmas na comunicação, em que é preciso desenvolver habilidades para dominar os recursos operacionais e saber aplicar os múltiplos letramentos presentes em nossa sociedade atual.

Nessa mesma direção, Citelli (2004, p. 153-154), em seus estudos a respeito de educação e comunicação, observa que o uso dos produtos midiáticos na sala de aula possibilita uma reflexão crítica sobre temas da atualidade, inclusive “[...] o repensar dos próprios modelos didático-pedagógicos, muitos deles presos [...] a concepções e mecanismos que não respondem mais às demandas sociais do nosso tempo.”

Para compreender o conceito de aprendizagem, encontramos nos estudos de Vigotski, conforme Oliveira (1993, p. 57), a definição de que “[...] é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores etc. a partir do seu contato com a realidade [...]”

2 Manteremos no texto essa grafia em todas as obras desse autor, diferenciando-as por suas datas.

Ao tratar das relações entre aprendizado e desenvolvimento, Vigotski (1989) identifica dois níveis de desenvolvimento humano: o real, que se refere às atividades que a criança consegue resolver de forma independente, e o potencial, que se refere às atividades que a criança ainda não consegue realizar sozinha, mas que poderá realizá-las com a ajuda do professor.

A distância entre o nível real e o nível potencial é denominada de zona de desenvolvimento proximal³, (ZDP), a qual “[...] define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário” (Vigotski, 1989, p. 97). Nesse sentido, “O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente” (Vigotski, 1989, p. 97). Esta envolve o que a criança não consegue fazer de forma independente, mas consegue fazer com o auxílio do adulto mais experiente (na escola, o professor) ou em colaboração com seus pares, mediante intervenções e atividades que a ajudam a avançar nesse processo.

Tais interpretações decorrentes dos estudos de Vigotski (1989) trazem uma nova compreensão com envolvimento para o trabalho escolar e para o ensino, ao considerar que “[...] o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (Vigotski, 1989, p. 101). Isso ocorre porque o ensino deve contribuir para fazer o desenvolvimento avançar, ao direcionar-se para as funções psicológicas emergentes.

Sendo assim, o ensino deve operar “[...] sobre a zona de desenvolvimento proximal, estimulando processos internos maturacionais que terminam por se efetivar, passando a constituir a base para novas aprendizagens” (Freitas, 1995, p. 104).

Diante do exposto, o processo de ensino é compreendido como fonte de desenvolvimento e surgimento do novo (Vigotski, 2009), ao atuar, precisamente, por intermédio do professor, na zona de desenvolvimento imediato, (ZDI). “Por isso a aprendizagem só é mais frutífera quando

se realiza nos limites de um período determinado pela zona de desenvolvimento imediato” (Vigotski, 2009, p. 334).

No processo de instrução formal e sistemática é o professor que dirige esse desenvolvimento, ao trabalhar os conteúdos escolares que ainda não estão associados à vivência do aluno. Sobreleva-se de importância nisso o entendimento do professor a respeito dos conceitos propostos por Vigotski e a sua atuação pedagógica junto ao aluno.

Por conseguinte, é mediante intervenções pedagógicas e atividades adequadas que o professor pode ajudar o aluno e provocar avanços qualitativos em seu aprendizado e desenvolvimento, os quais não ocorreriam espontaneamente. Em outros termos, o trabalho direcionado do professor pode contribuir para a transformação da zona de desenvolvimento proximal em nível de desenvolvimento real. Assim, o uso de filmes na sala de aula como recurso que possibilita a reflexão sobre valores humanos e sua importância nas relações sociais pode auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem.

Será apresentada uma sequência de procedimentos para o trabalho com o gênero resenha fundamentada na proposta de Lopes-Rossi (2013) como recurso didático no ensino e aprendizagem de leitura e produção de texto, tendo sido adaptada para o 6º ano do Ensino Fundamental, visando a relevância dos valores humanos dentro e fora da escola.

Essa estratégia pode beneficiar a organização das atividades a serem realizadas, a valorização

dos conhecimentos que o aluno já possui sobre o assunto e também uma melhor interação entre professor e aluno, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) ao definirem que “[...]”

uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”. Para os autores, é possível usar a sequência didática com o objetivo de melhorar determinada prática de linguagem dos alunos, o que deve funcionar como instrumento mediador de todas as estratégias de ensino.

3 Neste texto, utilizaremos o termo zona de desenvolvimento proximal (ZDP) ou zona de desenvolvimento imediato (ZDI), conforme consta nas traduções para a língua portuguesa das obras consultadas.

O filme escolhido para essa sequência didática foi *A fantástica fábrica de chocolate* (EUA, 2005), homônimo do livro *A fantástica fábrica de chocolate*, de Roald Dahl (1964), por ser visualmente atrativo aos alunos e por apresentar um enredo repleto de comportamentos e falas de personagens que suscitem reflexões sobre valores éticos, morais e sociais, constituindo-se elementos fundamentais para a posterior produção de texto do gênero resenha.

Os valores humanos como honestidade, modéstia, paciência, integridade, solidariedade, amor, respeito, resiliência, entre outros, estão presentes em diversas situações ao longo do enredo e poderão ser facilmente identificados pelos alunos, despertando sua sensibilidade e senso crítico para a avaliação na produção de resenhas.

Em uma sociedade pautada pelo consumismo e a valorização do “ter” em detrimento do “ser”, consideramos essencial a reflexão acerca de valores na escola, por isso o trabalho com o aspecto lúdico que o filme apresenta é uma excelente oportunidade para isso, porque os livros didáticos oferecem poucas propostas de atividades voltadas ao assunto.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, referenciada em categorias teóricas com base na interpretação do pesquisador, do tipo bibliográfico com proposta de resolução de um problema. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

BREVES REFLEXÕES A RESPEITO DA CRISE DE VALORES HUMANOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A crise de valores humanos na atualidade é um tema amplamente discutido em diversos contextos. A percepção dessa crise tornou-se mais acirrada devido às mudanças sociais, culturais e tecnológicas que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea.

Se por um lado vivemos numa sociedade caracterizada pelos avanços da tecnologia e da medicina, pela conectividade global e facilidade de acesso à informação, por outro, observamos o crescimento exponencial dos desafios relacionados às desigualdades sociais, ao isolamento social, à saúde mental, às fragilidades da segurança da Internet e à polarização política e social.

Nesse sentido, algumas das questões frequentemente apontadas como indicadores de uma crise de valores incluem: a ênfase excessiva nos interesses individuais em detrimento do bem comum, o que pode levar a comportamentos egoístas e à negligência das responsabilidades sociais; a diminuição da importância dada aos princípios éticos e morais; as mudanças nas relações interpessoais que, embora se tenham tornado mais fáceis, têm menor nível de engajamento emocional e conexão verdadeira; o materialismo e o consumismo excessivos; a perda de referências tradicionais. A esse respeito, La Taille (2018, p. 09) considera que:

[...] até pouco tempo atrás a ciência e a tecnologia eram vistas como meios para se atingir alguma coisa maior do que seus objetivos tangíveis, ou seja, como meios para a felicidade e o progresso. Hoje, o meio vira o fim, quer dizer, a ciência pela ciência, não existe mais aquilo que a transcende – daí, portanto, a perda do sentido. Paralelamente, há o individualismo. [...] Vejo hoje com alguma preocupação a maneira como tem sido entendida a alteridade. Parece que o respeito ao outro como diferente acaba não tendo todo o valor moral que seria devido.

Nesse cenário, o autor nos apresenta suas considerações sobre as relações entre o “ser” e o “ter”. Para ele, o dilema existente refere-se ao valor que é atribuído ao “ter” na busca pela felicidade e realização pessoal em detrimento do “ser”. O “ter” está associado à posse de bens materiais, status social, poder econômico e conquistas externas. Na sociedade atual, existe uma ênfase considerável na cultura do consumo, na qual as pessoas são incentivadas a buscar incessantemente a aquisição de bens e produtos como forma de alcançar a felicidade e a satisfação pessoal. No entanto, isso pode levar a um ciclo interminável de desejos insaciáveis, insatisfação constante e uma sensação de vazio. A esse respeito, La Taille (2006, p. 19) nos explica que:

[...] a dimensão do “ser” é incontornável, uma vez que, como vimos, o plano ético (que vida eu quero viver) implica a construção da identidade (quem eu quero ser). O problema não está, portanto, em abandonar a dimensão do “ser”, mas sim em defini-la pelo “ter”. Para muitos, “ter” é o sentido de “ser”.

Nesse contexto, é importante destacar que os valores mudam e evoluem ao longo do tempo e do espaço. A respeito disso, La Taille (2006, p. 11-12) tece algumas considerações sobre a “saúde” da sociedade atual no que se refere à moralidade. Ele compara alguns valores morais considerados legítimos em épocas anteriores e que hoje são inaceitáveis, tanto pelas leis constitucionais quanto pela opinião popular, como exemplifica:

[...] Será que alguns de nós desejariam viver na Idade Média, quando, sem problemas legais, se torturavam os presos para que confessassem? [...] Será que alguns de nós desejariam viver

no século XIX, como escravo? [...] e ter atividades profissionais proibidas em razão de opções sexuais ou de pertencimento a certas etnias [...]? Certamente não.

Nesse contexto, o autor aponta a violência, cada vez maior em espaços escolares e públicos, como um fenômeno preocupante em nossa sociedade, em contraste com a impunidade e a tolerância existentes. Faz referências às contradições observadas a respeito do controle comportamental dos indivíduos, por meio do uso de equipamentos como câmeras de monitoramento e de verificação da identidade pessoal, tal como acontece em alguns programas de TV, em que pessoas ficam confinadas numa casa e observadas 24 horas por dia. Para La Taille (2006, p. 13), “[...] os dispositivos de segurança e controle são empregados em nome da moral [...], mas sua necessidade é testemunha da desconfiança em relação à moral de cada cidadão.”

A NATUREZA DA MORAL DO PONTO DE VISTA PSICOLÓGICO SEGUNDO VIGOTSKI (2010)

Embora Vigotski não tenha efetuado uma teoria específica da moralidade, suas ideias sobre o desenvolvimento cognitivo, emocional e social são fundamentais para a compreensão do desenvolvimento moral. Para o autor, a evolução humana ocorre por meio da interação social, especialmente por meio da interação com indivíduos mais experientes e habilidosos. Enfatiza a importância da cultura e do contexto social na formação do pensamento e comportamento humano. Considera que o conceito de moral reflete o comportamento de um determinado povo e suas classes sociais, ou seja, a psicologia social de uma determinada época, ao esclarecer que:

[...] É por isso que sempre existiram a moral do senhor e a moral dos escravos, e é por isso também que as épocas de crises eram épocas das maiores crises da moral (Vigotsky, 2010, p. 296).

O autor exemplifica como a moral era considerada tendo em vista os interesses das classes mais abastadas, referindo-se ao ensinamento das crianças espartanas, as quais deveriam roubar algo sem que fossem vistas ou malsucedidas. O ato de roubar não era considerado imoral; ao contrário, era uma “habilidade” valorosa, sinônimo de esperteza e de autocontrole, atitude essa que, a nosso ver, pode ser considerada como um contravalor.

Referindo-se à Rússia, Vigotski relata que a educação moral se deu conforme a moral determinada pela burguesia. Essa moralidade tinha por objetivo a formação de cidadãos obedientes e cumpridores, alinhada aos interesses da classe dominante. Com relação à França, o autor criticava a hipocrisia dessa moralidade imposta por meio de manuais ou regras pré-determinadas. A esse respeito, Vigotsky (2010, p. 297) afirma “[...] porque ensinava uma coisa e fazia outra.” Em oposição àquela realidade francesa, Vigotski argumentava que os objetivos comuns da educação moral deveriam ser descobertos pelos estudantes por meio da interação social e da participação ativa na sociedade.

Nesse cenário, Vigotski defende uma nova prática pedagógica, com base na psicologia do desenvolvimento e nas ideias propostas por Marx, para que se consolidasse uma transformação social, ao vislumbrar que “[...] não haverá quaisquer fundamentos para conflitos entre o comportamento de um indivíduo e o de toda a sociedade” (Vigotski, 2010, p. 298), apontando, entretanto, alguns aspectos fundamentais nessa nova pedagogia moral.

O primeiro aspecto dessa nova perspectiva pedagógica seria a negação do inatismo, teoria pela qual se afirma a existência de características inatas e pré-determinadas na mente humana. Vigotski argumentava que o inatismo não era suficiente para explicar o desenvolvimento da moralidade das crianças, ao ignorar o papel fundamental da interação social e cultural nesse processo. Conclui afirmando que “[...] o comportamento moral é um comportamento educado através do meio social da mesma forma que qualquer outro comportamento” (Vigotski, 2010, p. 298). Dessa forma, ele entendia que a cultura e o ambiente social em que a criança vive desempenham um papel fundamental na formação de suas habilidades cognitivas, linguísticas e sociais.

O segundo aspecto seria o banimento da moral burguesa imposta na escola por meio de manuais de instruções moralistas considerados por Vigotski como retrógrados e hipócritas, os quais postulavam que a capacidade moral estaria relacionada à inteligência. Para ele, mesmo considerando a importância da inteligência, esta não está relacionada à evolução da moral, visto que há pessoas com um alto desenvolvimento moral mesmo apresentando baixo nível intelectual. O autor russo aponta, entretanto, que a total ausência de princípios morais possibilitaria que se aflorassem os instintos naturais, os quais não poderiam ser aceitos naquela época por serem ultrapassados.

Por fim, o terceiro aspecto apontado por Vigotski referia-se à importância da verdade como elemento fundamental ao se encarar as diversas situações na vida, de modo real e não abstrato. Isso se dá, conforme o autor, como “[...] exigência de uma moral revolucionária” (Vigotski, 2010, p. 300).

Em contraposição a pontos de vista como os de Tolstoi, Rousseau, Sócrates e Herbart, Vigotski entende ser errôneo ensinar moral à criança, já que a teoria nem sempre corresponde à prática. Mas concorda com Espinoza no que tange à liberdade de escolhas conscientes quando este afirma que “[...] só é livre o homem que evita essa mesma coisa porque outra coisa é melhor” (Vigotski, 2010, p. 306), e com James, o qual enfatiza a valorização do lado do bem e do aspecto positivo das coisas.

Vigotski nos alerta a respeito da maneira pela qual a consciência moral atua como um mecanismo regulador interno ao afirmar metaforicamente que “[...] Não devemos transformar a moralidade em polícia interior do espírito. Evitar alguma coisa por temor ainda não significa cometer um ato ético” (Vigotski, 2010, p. 306). Nesse sentido, ele defende a ideia de que o medo de alguma ação da qual possa advir resultados prejudiciais e a dependência desse sentimento representam amoralidade. E é pelo ético que se confere liberdade no aspecto psicológico. Assim, nas palavras de Vigotski (2010, p. 307) “[...] toda relação não livre com um objeto, todo medo e toda dependência já significam a ausência de sentimento moral.” Ademais, as crianças passam a internalizar as normas sociais e desenvolvem um senso do que é certo ou errado e que passa, assim, a orientar seu comportamento.

O autor aponta contradições na pedagogia de sua época ao referir-se à religião, quando esta valoriza o indivíduo que trava uma luta de resistência contra seus “vícios inatos” em nome de Deus e ignora um outro que naturalmente apresenta atitudes nobres.

Nesse contexto, Vigotski (2010, p. 307) afirma que essa pedagogia possui três defeitos. O primeiro deles é a respeito da incerteza de seu sucesso, pois “[...] assusta o fraco, mas provoca a resistência do forte e dá à violência da regra uma especial auréola de força, ousadia e desafio.”

De acordo com Vigotski (2010, p. 308), o segundo defeito dessa pedagogia, sempre pautada pela falta de liberdade, é “[...] que ela cria uma concepção inteiramente incorreta dos valores morais, quando atribui ao mérito moral o valor de alguma riqueza e provoca narcisismo e atitude de desprezo a todas as outras coisas más.”

Por fim, o terceiro defeito apontado por Vigotski (2010, p. 308) diz respeito ao perigo existente na descrição detalhada de atos considerados errados, uma vez que esta pode despertar na criança o desejo de realizá-los, ao afirmar que “[...] não existe meio mais seguro de empurrar uma criança para algum ato amoral do que descrevê-lo em detalhes.” Nesse sentido, o autor corrobora a afirmação de Thorndike sobre compartilhar com as crianças as motivações e meios pelos quais ocorre um suicídio, tal como o fazem alguns manuais moralistas franceses, pois “[...] fazer tal coisa significa criar nas mentes dos alunos as condições propícias que em dado momento podem dominar a criança e orientá-la para o comportamento no sentido não de evitar mas de praticar o suicídio” (Vigotski, 2010, p. 308).

Segundo o autor, antes de se conhecer a natureza da moral, crianças e adultos eram considerados doentes e anormais quando cometiam algum ato infracional relacionado ao comportamento moral. Imaginava-se que os infratores possuíam alguma anomalia relacionada a fatores biológicos e inatos

De acordo com Vigotski, os psicólogos concluíram que o comportamento moral ou imoral dos indivíduos não está ligado a questões congênicas e sim a questões sociais. Em outros termos, “O conceito de perfeição moral é um conceito social e não biológico” (Vigotski, 2010, p. 310). Assim, desvios de comportamentos de crianças e adultos estavam relacionados às falhas na educação, ao abandono e ao convívio social inadequado.

Para o autor, não seria preciso haver uma linha pedagógica punitiva ou restritiva na reeducação social de crianças com desvios comportamentais, mas sim, repensar o meio no qual elas vivem, proporcionando um ambiente harmonioso, organizado e educativo. Além disso, aponta o equívoco existente no entendimento de que crianças submissas são crianças boas, ao se subordinarem a sanções e castigos. Por medo das punições, elas encontram na submissão uma forma de autoproteção e de fuga de problemas.

Essa pedagogia, para Vigotski, é inadequada pelo caráter de intimidação, de repressão e, na intenção de que mostrar o que é errado e inadequado à criança, acaba por despertar nela o desejo de agir daquela forma. Nesse sentido, Vigotski (2010, p. 218, grifo do autor) considera que “[...] o mandamento “não faça isso” já é um impulso para a realização desse ato porque ele introduz na consciência a ideia de semelhante ato e, conseqüentemente, a tendência para a sua realização.”

Em sua concepção, Vigotski (2010, p. 317) aponta que todo tipo de castigo é danoso, ao afirmar que:

[...] o castigo coloca tanto o educador quanto o educando na situação mais difícil e angustiante. Entre o pedagogo que pune e a criança que é punida não pode haver nem amor, nem respeito, nem confiança. Todo castigo [...] coloca o educando em situação humilhante, mina nele o amor e a confiança.

As falhas que as crianças cometem no espaço escolar devem ser entendidas como falhas na educação recebida, daí a necessidade de se rever a educação que é oferecida a elas, por meio de uma organização da escola com vistas a uma educação moral mais eficiente e da inclusão em vez de exclusão.

Nesse sentido, Vigotski (2010, p.316-317) cita que a pedagogia de sua época defendia “[...] a ideia de que o melhor mestre da criança é o seu próprio sofrimento” e alerta sobre os “efeitos devastadores”, tanto físicos quanto morais, diante da permissividade dos pedagogos ao não protegerem as crianças contra uma situação perigosa.

A nova pedagogia moral proposta por ele valoriza, dessa forma, a participação ativa das crianças na construção da moralidade. Isso significa que a educação moral deve ser um processo participativo, em que as crianças são incentivadas a questionar, refletir e debater sobre as normas

e valores morais, a fim de desenvolver sua própria consciência moral. Nessa perspectiva, Vigotski (2010, p. 318) assevera que “[...] a autogestão da escola, a organização das próprias crianças são os melhores recursos para uma educação moral na escola.” Afirma também que “educar significa organizar a vida” (Vigotski, 2010, p. 318) e ainda que os problemas da educação só serão resolvidos na medida em que forem resolvidas as questões sociais.

Vigotski não só considera inútil e prejudicial o ensino da moral, como também vê qualquer incentivo ao comportamento moral como sinal de uma certa anormalidade nesse contexto. Nessa perspectiva, afirma que:

O comportamento moral deve dissolver-se de forma absolutamente imperceptível nos procedimentos gerais de comportamento, estabelecidos e regulados pelo meio social. Nem o aluno nem o professor devem perceber que se trata de um ensino especial de moral (Vigotski, 2010, p. 305).

O autor também vê nos brinquedos um meio de se apreender regras sem interferência de adultos, de forma livre e espontânea e sem o temor de punição e castigo, uma vez que não há consequências maiores, caso as regras de um jogo não sejam seguidas, somente o jogo não se realizará.

É preciso ter o entendimento e o preparo adequados para enfrentar problemas comportamentais das crianças na escola com o objetivo de reeducação e o reforço positivo como elemento motivador fundamental. Nessa perspectiva, Vigotski (2010, p. 315-316) explica que:

O comportamento moral deve basear-se não em uma proibição externa, mas em um comedimento interno, ou melhor, naquilo que deva levar o homem a um ato bom e bonito. O comportamento moral deve vir a ser a natureza desse homem e ser leve e espontâneo.

Vigotski cita o pensamento de James no que se refere à avaliação e à importância de levar a criança a acompanhar o processo de seu desempenho escolar e não apenas apresentar uma nota pronta e fechada. Por isso, defende a importância da educação social, para que cada criança se veja como parte integrante de um grupo e que se identifique com ele.

Nesse contexto, o autor nos chama a atenção de que a liberdade na educação está atrelada a limites estabelecidos por um plano educativo geral e pelo meio social, uma vez que se trata de educar pessoas e não objetos e, que seus princípios estejam voltados, de fato, para o bem.

A NECESSÁRIA CONSTRUÇÃO DE VALORES HUMANOS NA ESCOLA

Ao traçar uma trajetória das instituições ao longo do tempo, Justo (2005) aborda a importância da escola na formação social nos dias atuais. Para o autor, as instituições são componentes fundamentais para que a sociedade funcione, sendo que as atuais foram criadas a partir da instauração do capitalismo e do liberalismo burguês. Afirma que essas instituições tinham por princípio agrupar e restringir pessoas em um espaço específico com o propósito de sujeitá-las às demandas impostas pelo sistema capitalista.

Nesse contexto, no que tange à escola, Justo (2005) compara a disciplina rígida dos internatos, nos quais imperava a obediência como fator essencial da educação, com as escolas atuais, que, embora atuem de forma mais democratizada, apresentam muitos problemas relacionados a questões disciplinares. Considera que “[...] a escola, na verdade, está no epicentro de uma crise institucional provocada por uma mudança profunda na lógica do capitalismo atual e da cultura que o acompanha” (Justo, 2005, p. 29).

Na concepção de Justo (2005), a repressão e a disciplina de outrora deram lugar a uma aparente liberdade do indivíduo, a qual mascara, entretanto, o controle, em todos os lugares, por meios eletrônicos e tecnológicos. Observa, ainda, que a falta de tempo para se concluírem as diversas atividades do dia a dia é reflexo do ritmo acelerado da vida.

No entanto, o autor considera que a escola, apesar de todas as suas dificuldades estruturais e materiais, continua sendo uma instituição valorizada e fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos como cidadãos. Assim, “[...] sobre ela, recai hoje a responsabilidade da formação “integral”, [...] da criança e do adolescente no plano cognitivo, emocional, afetivo, social, político e tantos outros [...]” (Justo, 2005, p. 34, grifo do autor).

Na percepção do autor, a escola pública consegue manter-se como uma instituição basilar, ao atender as diversas demandas sociais da atualidade. Indo além em suas análises, Justo (2005, p. 37) considera a escola como “[...] um barril de pólvora. Afinal, é o lugar de compressão dos problemas e tensões de todas as esferas – econômica, social, política, emocional, afetiva – onde subjetivações das condições vividas nesse tempo acontecem de forma intensa e com toda a radicalidade”.

Nesse cenário, Justo (2005) pondera que há um desencontro entre a educação e a escola na contemporaneidade: enquanto aquela representa o conjunto de conhecimentos adquiridos por meios tecnológicos avançados, esta representa os estabelecimentos e organizações. Esclarece que a escola “[...] não consegue dar conta das demandas [...] e nem possui os instrumentos necessários para isso. Ela acolhe subjetividades deste tempo e possui uma estrutura organizacional de outro tempo bem distinto” (Justo, 2005, p. 42).

Enfrentar a crise de valores humanos nos dias atuais requer um esforço coletivo que envolve a reflexão crítica, o diálogo aberto e a promoção de valores positivos, como respeito, empatia, integridade e responsabilidade social. A esse respeito, já na segunda década do século passado, Vigotski, (2010, p. 300, grifo do autor) apontava que “Nunca a educação moral pôde atingir uma verdade tão decidida e implacável quanto hoje, momento em que todos os “valores” morais foram colocados em jogo e desmascarados na sua verdadeira forma.”

A educação desempenha um papel fundamental na formação de valores e na construção de uma sociedade mais ética e justa. Nesse sentido, entretanto, Cortella (2018) indica que, na sociedade ocidental, estamos avançando rapidamente em direção a um grave declínio moral, e é essencial que precauções sejam tomadas para evitar ou adiar esse colapso.

Dessa forma, a escola tem a responsabilidade de lidar com essas questões por meio de uma conscientização coletiva, envolvendo toda a comunidade escolar. Nessa mesma direção, de acordo com Cortella (2018, p. 66): “[...] a escola precisa inquietar-se e inquietar os outros a respeito de vícios como o consumismo, o cinismo, o atalhamento do processo de vida, o desrespeito [...]. Assim como ela precisa, claro, lidar com as virtudes, com as forças intrínsecas que emanam dignidade.”

Quando os conflitos que ocorrem na escola deixam de ser trabalhados pelos professores, o aluno vai se autorregulando nesse espaço confuso, internalizando as suas atitudes e ações inadequadas no ambiente escolar, sem que se desenvolva uma intervenção efetiva no processo de formação de valores. De outra forma, por meio de intervenções que motivem e sensibilizem os alunos a repensarem suas atitudes sociais diante dos problemas de convivência, é possível se comportarem de outra forma, visto que as hostilidades criadas entre eles tornam o convívio desagradável para todos, pelo medo de não serem respeitados. Isso vai ao encontro do que pensa Vigotski (2010, p. 448) a respeito da necessidade da intervenção do professor, ao mencionar que cabe a ele o papel de “[...] organizador do meio social, que é o único fator educativo”. Assim, para

o autor, o processo educativo é trilateralmente ativo, uma vez que “[...] é ativo o aluno, é ativo o mestre, é ativo o meio criado entre eles” (Vigotski, 2010, p. 73).

Quanto ao processo de internalização, Vigotski (1989, p. 64) compreende que este consiste na reconstrução interna de uma operação externa ao homem. Em outros termos, o processo de internalização, dentre as suas transformações, é formulado por Vigotski (1989, p. 64, grifo do autor) do seguinte modo: “Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro *entre* pessoas (*interpsicológica*), e, depois, no interior da criança (*intrapsicológica*)”. Essas transformações são identificadas nos processos superiores como: atenção voluntária, memória lógica e na formação de conceitos. Todas as funções psicológicas superiores emanam das relações reais entre os indivíduos. Por conseguinte, “A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos” (Vigotski, 1989, p. 65).

O processo de internalização não ocorre passivamente, mas de maneira dinâmica, já que requer a atuação e o envolvimento dos sujeitos nas condições do contexto no qual é desenvolvido. Assim, a passagem do nível social para o nível individual “Envolve também a construção de sujeitos absolutamente únicos, com trajetórias pessoais singulares e experiências particulares em sua relação com o mundo e, fundamentalmente, com as outras pessoas” (Oliveira, 1992, p. 80).

Com relação aos conflitos nos espaços escolares, Justo (2005, p. 53) considera que a escola atual deve buscar mecanismos para coibir as pulsões destrutivas e repensar o seu ensino, atuando “[...] pelo signo, pelo pensamento e pela linguagem”. Isso se dá a fim de resgatar “[...] o prazer de estar junto norteador por projetos racionais e vinculações duradouras [...]” (Justo, 2005, p. 53). Assim, conforme o autor, uma vez que a agressividade é uma pulsão destrutiva que não pode ser extirpada do ser humano, ela poderá ser direcionada ao plano simbólico e à consciência, o que significa um papel decisivo para a educação. Nessa mesma direção, para Silva e Abud (2012, p. 62),

Isso significa que a expressão simbólica constitui um caminho consciente que liberta o sujeito de descargas emocionais cegas. A expressão simbólica é, portanto, fundamental para que a agressividade seja transformada não em submissão, mas em atitude consciente que estará a serviço do autodomínio.

Dessa forma, o aluno pode aprender a administrar suas emoções e agir de forma mais equilibrada e assertiva. A esse respeito, de acordo com os estudos de La Taille (2006), não é possível pensar em uma formação em valores se não há educação de excelência, da mesma forma que não é possível pensar em uma formação em valores humanos que não contribuam para a evolução do juízo moral dos alunos.

Diante do exposto, concordamos que os valores humanos construídos em um ambiente escolar permitem uma convivência saudável e harmoniosa. Nele, os alunos encontram a segurança e o apoio necessários ao seu desenvolvimento físico e mental, ao entendermos que as habilidades sociais e emocionais são tão relevantes quanto as acadêmicas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS DISCURSIVOS À LUZ DOS ESTUDOS DE BAKHTIN

Nas concepções de Bakhtin, as atividades humanas são possíveis graças à linguagem. Tal a sua importância que o autor esclarece que não há linguagem e conseqüentemente relações dialógicas se não houver palavra, ao afirmar que “[...] A língua, a palavra são quase tudo na vida humana” (Bakhtin, 2016, p. 93).

Para Vigotski (2009), o pensamento e a linguagem estão interligados. Entende que a linguagem é o meio pelo qual nos relacionamos com outras pessoas, o que garante nossa característica como seres sociais.

Nessa perspectiva, para Vigotski (2009, p. 412), o discurso é elemento intermediário entre o homem e o mundo. É pelo discurso que o homem forma seus pensamentos e atua nas relações sociais. Afirmar que “[...] ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa mas se realiza na palavra”. A esses pressupostos de Vigotski (2009), alinhamos as concepções dialógicas de Bakhtin (2016), uma vez que ambos concordam com o aspecto social da linguagem. Nesse sentido, Bakhtin (2016, p. 11) considera que “[...] Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem.”

Sendo assim, para Bakhtin (2016), os elementos essenciais de um enunciado envolvem a perspectiva pessoal sobre o mundo, as avaliações subjetivas e os sentimentos, o tema do discurso e a estrutura linguística, influenciando o estilo e a estruturação desse enunciado. Nesse sentido, “[...] Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (Bakhtin, 2016, p. 57).

Desse modo, o estudioso identifica o caráter responsivo de todo enunciado, “[...] por mais monológico que seja [...] (por exemplo, uma obra científica ou filosófica), [...], não pode deixar de ser em certa medida também uma resposta àquilo que já foi dito sobre dado objeto [...]” (Bakhtin, 2016, p. 58, 59). Nossas ideias surgem por meio da interação com os outros, e cada expressão verbal responde aos discursos de outros indivíduos.

Nesse sentido, destacamos o importante papel do educador como mediador entre o mundo e o aluno, ao oferecer-lhe diversos meios para a compreensão e interlocução nas diversas situações comunicativas sociais.

Ao nos referirmos ao ensino da Língua Portuguesa, é essencial levar em conta os aspectos afetivos, cognitivos e sociais dos alunos, por meio de uma abordagem reflexiva sobre os diferentes discursos falados e escritos presentes em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, o trabalho com filme em sala de aula pode permitir diversas reflexões sobre as experiências de vida retratadas pelos personagens, seus valores e seus sentimentos. A criação do filme é resultado de uma narrativa desenvolvida por alguém inserido em uma determinada situação. A forma como é abordada reflete a compreensão de quem está envolvido em sua criação. Isso permite várias interpretações para uma mesma história, com inserções e supressões intencionais ou não, tal como acontece nos enunciados discursivos, de acordo com as concepções bakhtinianas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DE FILMES NA SALA DE AULA

Desde tempos remotos, a arte tem sido uma parte intrínseca da experiência humana, distinguindo-a de outras formas de vida, que permite aos indivíduos expressarem seus sentimentos e compreenderem sua existência.

Evidenciamos, assim, que o cinema é uma das inúmeras formas de arte, e os filmes, além de exporem visualmente diversas narrativas, têm a capacidade de suscitar a reflexão e a formação de opiniões sobre o mundo, possibilitando transformações nas relações sociais e é no espaço escolar, local privilegiado para o desenvolvimento de diferentes práticas de leitura e escrita, incluindo os filmes, que essas habilidades podem ser desenvolvidas.

Como vimos, a proposta da sequência didática a ser apresentada tem por base o filme *A fantástica fábrica de chocolate* (2005), cuja estrutura, temática e mensagens podem ser consideradas um conto de fadas em formato de filme.

As origens dessas narrativas de tradição oral foram recontadas por autores como os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen e representam as várias culturas ao redor do mundo, normalmente mantendo características comuns, como elementos mágicos, figuras arquetípicas, lições morais e o enfrentamento de desafios e dificuldades.

Segundo Vigotski (2010), um conto de fadas é uma obra de arte. Compreende que a arte é “[...] uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela” (Vigotski, 1999, p. 320). Em outros termos, as emoções despertadas diante de uma obra de arte podem adquirir novos significados pelo processo de catarse. Nesse sentido, o autor considera a arte como um recurso psicológico que possibilita a reflexão das emoções vivenciadas pelo indivíduo, ao afirmar que “[...] o efeito moral da arte existe [...] em certa superação dos conflitos íntimos e [...] na libertação de certas forças constringidas e reprimidas [...] do comportamento moral” (Vigotski, 2010, p. 340).

A seguir, será apresentada a proposta de sequência didática, a qual visa, como mencionado anteriormente, o desenvolvimento de valores humanos mediante a produção de resenha do filme *A fantástica fábrica de chocolate*.

1º PROCEDIMENTO	ESTRATÉGIAS				
<p>Ativação do conhecimento prévio dos alunos sobre valores humanos e sobre o gênero textual resenha</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do filme <i>A fantástica fábrica de chocolate</i> (2005). • Após a apresentação do filme, o professor poderá propor uma discussão com os alunos sobre a temática abordada, as questões éticas e morais e os valores humanos implícitos e explícitos. Para tanto, os alunos deverão ter total liberdade para expressarem suas opiniões a respeito do filme. • A seguir, o professor poderá fazer um quadro juntamente com os alunos sobre as atitudes positivas e negativas dos personagens principais, tendo como foco a reflexão sobre os valores humanos e relacionando-as com experiências do cotidiano. • Algumas questões possíveis para que os alunos reflitam: <ul style="list-style-type: none"> - Quais os sentimentos que você experimentou durante a apresentação do filme? Explique em quais momentos do filme isso aconteceu. - Comente o que você observou sobre as atitudes das crianças: Augustus, Veruca, Violet, Charlie e Mike. - O que favoreceu a construção de valores positivos pelo personagem Charlie? - O que favoreceu a construção de valores negativos pelos personagens Augustus, Veruca, Violet e Mike? - Considerando o que você viu no filme, como era o relacionamento entre as crianças e suas respectivas famílias? - Em sua opinião, como era o relacionamento entre Willy Wonka e seu pai? Podemos dizer que o pai amava o filho? Como podemos comprovar isso? - Qual o sentido das letras das músicas e das coreografias dos Oompa-Loompas apresentadas ao final das penalidades dadas a cada uma das quatro crianças? <table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="text-align: center; width: 50%;">Augustus Gloop</td> <td style="text-align: center; width: 50%;">Veruca Salt</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Augustus Gloop o comilão O grande bobo trapalhão</td> <td style="text-align: center;">Veruca Salt, a sem noção Desceu pra dentro do lixão</td> </tr> </table>	Augustus Gloop	Veruca Salt	Augustus Gloop o comilão O grande bobo trapalhão	Veruca Salt, a sem noção Desceu pra dentro do lixão
Augustus Gloop	Veruca Salt				
Augustus Gloop o comilão O grande bobo trapalhão	Veruca Salt, a sem noção Desceu pra dentro do lixão				

Augustus Gloop tão grande vil Desagradável, infantil Já era tempo e sem engano De expulsá-lo pelo cano Mas não precisam se alarmar Porque não vai se machucar Porque não vai se machucar	E lá em baixo vai achar Amigos novos pra brincar Amigos novos pra brincar Amigos novos pra brincar Se quer exemplo, aqui vai um Cabeça e rabo de um atum Uma ostra de um pirão qualquer Um bife que ninguém mais quer E outras coisas sem valor Mas todas com o seu fedor Que fedor! É o que a Veruca vai achar Amigos novos pra brincar Que lá embaixo vai achar Quem é o culpado Por mimar E a garota estragar? Quem é que não a educou? Quem é culpado? Quem errou? A culpa é de quem já vai Da sua mãe e do seu pai
--	---

Violet Beuregarde

Atenção, está no ar, a Srta. Beuregarde.
Que não se cansa de ficar...
Mastigando, mastigando, mastigando, sem parar
Mastigando sem parar. (3 X)
A sua boca já inchou, de tanto que ela mastigou.
Bochechas grandes como um sino, e o queixo igual a um violino.
A cada dia cresce mais, mandíbulas fenomenais.
E com um baita mordidão... Ao meio a língua, cortarão.
Por isso a gente vai tentar, salvar a pobre Beuregarde.

Mike Teavee

A coisa principal temos que dizer.
A coisa principal que diz respeito a todo aprendiz é nunca, nunca
permitir só ver televisão.
Evite mesmo instalar a idiotice no seu lar.
Nunca, nunca deixe. Nunca, nunca deixe. Nunca, nunca deixe. Nunca,
nunca deixe. A mente faz apodrecer e as ideias perecer.
E ela vai te transformar num paspalhão bobão demais. Bobão demais!
Bobão demais! Se não consegue entender e as fábulas compreender.
As fábulas! As fábulas!
E a memória supor e ser travada, enferrujada até não quer pensar,
somente ver!
E quanto ao Mikezinho Teavee, nós lamentamos lhes dizer, que
lástima! Só vamos nos sentar e ver

Nós lamentamos lhes dizer, só vamos esperar e ver se ao seu tamanho vai voltar, mas se não der... BEM-FEITO está!

- Você acha que esse filme pode ter mudado seu pensamento sobre alguma atitude presente em sua vida?

• Apresentação e leitura coletiva da resenha sugerida abaixo, na qual o professor poderá enfatizar as mensagens e a temática abordada (no caso, os valores humanos, como o respeito mútuo, bem como tratar a falta de respeito e/ou de limite com o próximo, os quais favorecem o desrespeito, mantido pela indiferença e desinteresse em relação ao outro).

Resenha do filme: A fantástica fábrica de chocolate⁴

Para quem assistiu e avaliou o filme em seu real sentido, pode perceber que não é uma história boba e sem sentido, muito ao contrário; percebeu a forte crítica que ele traz, até para sua época em se tratando da primeira versão. O filme mostra crianças mimadas e sem limites que, por terem sempre tudo em mãos, abusam dos pais e até os desrespeitam, crianças que perderam a inocência e que tem por um único objetivo passar por cima do outro, com exceção do Charlie é claro, o único com algum fio de inocência e humildade. É aí que Willy Wonka (Johnny Depp) surge para punir as crianças com aquilo que mais querem e para dar a Charlie o seu prêmio e vice-versa, já que Charlie também dá a Willy Wonka um prêmio ainda mais valioso. De forma geral, A fantástica Fábrica não é um filme para ser visto só por crianças, mas por adultos também. Johnny Depp aparece novamente esplêndido, excêntrico e impecável em uma atuação brilhante e uma parceria sem dúvida fantástica com Tim Burton.

• Exploração do conhecimento do aluno e acréscimo de informações sobre o contexto sócio-histórico de produção e circulação da crítica de cinema, seu propósito comunicativo e temática. Seu propósito comunicativo (objetivo) é informar os leitores sobre lançamento de filmes e comentar sobre suas características. Assim, fornece informações para que o leitor se atualize sobre produções cinematográficas e decida se vai ou não assistir ao filme. O termo “crítica”, nesse caso, é sinônimo de apreciação, análise; tanto pode ser uma crítica elogiosa, positiva, quanto uma crítica negativa. A apreciação do autor pode ficar no meio termo: elogiar alguns aspectos e apreciar negativamente outros.

⁴ Fonte: Ana Karla C. <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-52933/criticas/espectadores>. Acesso em: 20 nov. 2023.

2º PROCEDIMENTO

ESTRATÉGIAS

<p>- Leitura rápida (global) dos elementos mais destacados do texto e estabelecimento de objetivos para uma primeira leitura;</p> <p>- Leitura detalhada do texto e objetivos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O professor poderá referir-se ao título e/ou subtítulo da resenha e levar o aluno a inferir sobre a opinião do autor (do crítico) sobre o filme. • Objetivo para uma primeira leitura completa do texto: Leia o texto para saber por que o autor gostou ou não gostou do filme. • O professor poderá orientar os alunos para que observem a estrutura do texto apresentado, por meio das questões sugeridas abaixo: <ul style="list-style-type: none"> Leia novamente a crítica para responder às seguintes perguntas: <ul style="list-style-type: none"> - Qual a parte da crítica em que se apresenta o resumo do enredo do filme? (Indique o início e o final desse resumo). - Grife as palavras e/ou frases que expressam a opinião do autor da crítica ou que permitem inferir se ele gostou ou não do filme. - Que aspectos do filme o autor destacou em sua crítica? Por que ele gostou ou não gostou desses aspectos? - De todos os comentários, qual parece ser a principal qualidade ou o principal defeito do filme, na opinião do autor da crítica? - Outras habilidades podem ser enfocadas em outras perguntas, como inferência de vocabulário difícil; compreensão de algum elemento de coesão; ironia do autor; relação do título com o texto, caso o título não seja muito claro numa primeira leitura. <p>Sugestão: que os alunos usem lápis coloridos para pintar as diferentes partes do texto: enredo, comentários positivos, comentários negativos, uma frase que resuma bem a opinião do autor da crítica.</p>
<p>3ºPROCEDIMENTO</p>	<p>ESTRATÉGIAS</p>
<p>- Apreciação crítica do texto; percepção de suas relações dialógicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Algumas perguntas possíveis que o professor poderá fazer aos alunos, embora não sejam todas necessárias em todas as leituras de uma crítica de cinema: <ul style="list-style-type: none"> - Com essa crítica, você se sentiu bem informado sobre o filme? - Você acha que os leitores ficarão com vontade de assistir ao filme? Por quê? • Uma vez que o leitor/aluno assistiu ao filme, já tem uma opinião formada sobre ele e não precisa concordar com o autor da crítica. O leitor/aluno deve considerar a crítica apenas como uma fonte de informação para confrontar com suas próprias opiniões. Depois poderá confrontar sua opinião com a do autor da crítica.
<p>4º PROCEDIMENTO</p>	<p>ESTRATÉGIAS</p>
<p>- Orientações sobre a construção de argumentos para defender uma opinião;</p> <p>- Proposta de produção de resenhas pelo aluno por meio de oficinas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nesse momento, o professor poderá elaborar uma atividade (como por exemplo, o desenho de uma cena do filme) relacionada a valores humanos, com o propósito de que o aluno seja inteirado da importância dos valores humanos em sua vida. A mesma atividade pode ser proposta para que o aluno identifique as transgressões apresentadas por essas crianças; <ul style="list-style-type: none"> • Uma dos aspectos da resenha de filme é apresentar uma opinião/ avaliação/crítica/argumento. Para identificar os diversos sentidos dessas palavras, sugere-se uma pesquisa dos significados delas em dicionário. Os resultados da pesquisa dos alunos poderão ser discutidos oralmente e sistematizados. • O professor poderá apresentar alguns elementos articuladores para que os alunos construam suas argumentações:

	Uso	Expressões
	Tomar posição	Do meu ponto de vista; em minha opinião; pensamos que; pessoalmente acho
	Indicar certeza	Sem dúvida; está claro que; com certeza; é indiscutível
	Indicar probabilidade	Provavelmente; me parece que; ao que tudo indica; é possível que
	Indicar causa e/ou consequência	Porque; pois; então; logo; consequentemente
	Acrescentar argumentos	Inicialmente; primeiramente; em segundo lugar; por um lado; por outro lado
	Preparar conclusão	Assim; por fim; finalmente; portanto; enfim
	<ul style="list-style-type: none"> • Orientações que o professor poderá dar aos alunos sobre alguns tipos de argumentos: <ul style="list-style-type: none"> - por autoridade: quando se é levado a aceitar a opinião defendida por alguém publicamente considerado autoridade na área; - por evidência: quando se pretende levar alguém a admitir uma opinião justificando-a por meio de evidências comprovadas; - por comparação: quando o argumentador pretende levar alguém a aderir a uma opinião com base em fatores de semelhança ou analogia evidenciados pelos dados apresentados; - por exemplificação: quando o argumentador baseia sua opinião em exemplos representativos, dos quais, por si só, já são suficientes para justificá-la; - por causa e consequência: no argumento por causa e consequência, a opinião é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência dos dados. • Depois das produções textuais realizadas, o professor poderá fazer a correção/ adequação das produções juntamente com os alunos, atentando para ocorrências quanto à ortografia, uso de letra inicial maiúscula, repetições, marcas de oralidade, concordância nominal e verbal. <p>A correção coletiva pode favorecer os alunos com dificuldades a serem auxiliados pelos colegas na reescrita do texto, o que possibilita a experiência de produção de atividade em grupos por meio da reorganização de ações, de saber ouvir e expor as próprias opiniões. A colaboração está intrinsecamente relacionada à habilidade de saber fazer junto, de compartilhar significados e comportamentos. Esse movimento coletivo alinha-se diretamente com a temática abordada na presente pesquisa.</p>	
5º PROCEDIMENTO	ESTRATÉGIAS	
- Autoavaliação e divulgação das produções textuais no espaço escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Após a reescrita dos textos, sugere-se uma autoavaliação, a fim de que o aluno reflita sobre como foi o seu processo de apropriação de conhecimentos. <p>Ficha de autoavaliação: Produção de resenha de filme</p> <p>1. Qual é o título do seu texto?</p>	

	<ol style="list-style-type: none">2. Quais informações sobre o filme você indicou?3. Seu texto apresenta a descrição de cenas do filme?4. Que tipo de argumentos você utilizou no seu texto? <input type="checkbox"/> argumentos de definição <input type="checkbox"/> argumentos de exemplificação <input type="checkbox"/> argumentos por comparação <input type="checkbox"/> argumentos de causa e consequência5. A maior parte dos verbos do seu texto está no tempo: <input type="checkbox"/> Presente <input type="checkbox"/> Pretérito <input type="checkbox"/> Futuro6. Quais os valores humanos evidenciados no filme?7. Quais as transgressões que você observou no filme?8. Você recomenda esse filme para que alguém o assista? Por quê?9. Como foi sua participação durante todas as atividades dessa sequência didática?10. Que nota você dá para sua resenha? Por quê?<ul style="list-style-type: none">• As resenhas poderão ser xerocopiadas ou impressas e depois afixadas nos murais da escola ou em locais de maior circulação de alunos, bem como divulgadas no jornalzinho escolar e sala de leitura.
--	--

Fontes: Lopes-Rossi (2013); Severiano *et al* (2021, p. 127-129, 143), com adaptações da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi oferecer uma proposta de sequência didática visando ao desenvolvimento de valores humanos mediante a produção de resenha de um filme. Essa proposta teve por base, como vimos, os estudos de Vigotski sobre valores morais, ZDP, entre outros, as concepções de La Taille e de outros autores a respeito da importância dos valores humanos na vida em sociedade e do conhecimento e da utilização dos gêneros discursivos, conforme as contribuições de Bakhtin.

Outro aspecto abordado nesse estudo, como vimos, é o papel da arte na vida humana, aqui representada pelo filme proposto. Para Vigotski (1999), o impacto da reação estética no psiquismo humano impulsiona o desenvolvimento das emoções. Desse modo, é por meio da arte que o indivíduo consegue ampliar as atividades que realiza, criando novos instrumentos e com esses, pode transformar o ambiente em que vive. A arte passa a representar, assim, um objeto cultural e social que retrata os sentimentos e atua sobre o intelecto humano.

Com Vigotski, aprendemos que nossas ideias surgem e se transformam gradualmente por meio do convívio com as outras pessoas nos diversos meios sociais. Portanto, ao interagirmos com nossos alunos, surgem práticas que revigoram nosso trabalho como educadores, “os organizadores do meio social educativo”.

Entendemos que, desse modo, ao estimular uma vivência mais democrática, as relações em sala de aula tornam-se menos conflituosas, pois os alunos podem vivenciar a tolerância e o respeito mútuo, considerando que a superação dos desafios da prática pedagógica é um processo construído no cotidiano.

Assim, a elaboração da proposta com base no filme escolhido evidencia o modo como os valores humanos são apresentados pelos personagens. Também possibilita a inferência a respeito

da educação dada às crianças pelas famílias em um contexto sócio-histórico capitalista, o que poderá levar os alunos a refletirem sobre suas próprias experiências de vida e emoções.

Nessa mesma direção, entendemos que as habilidades de atenção e reflexão dos alunos que o filme suscita, podem possibilitar o desenvolvimento cognitivo e crítico, bem como podem ampliar o conhecimento sobre um conteúdo específico, que, no caso dessa proposta, foi a produção de texto do gênero resenha.

Espera-se que por meio desta proposta, com a intervenção do professor ao percorrer o caminho da ZDP dos alunos, estes se apropriem desses conhecimentos que lhes serão úteis, não apenas nos estudos posteriores, mas também que sejam internalizados e relevantes nas diversas situações comunicativas e sociais de suas vidas.

REFERÊNCIAS

- A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE (Título no Brasil). Charlie and the Chocolate Factory (título original) BURTON, T. E.U.A., 2005, DVD.
- ARANTES, V. A.; PINHEIRO, V. P. G.; GOMES, M. A. G. O valor da escola para os jovens. **International Studies on Law and Education**, n. 31/32, p. 165-176, 2019. Disponível em: http://www.hottopos.com/isle31_32/165-176Valeria.pdf. Acesso em: 02 abr. 2023.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CITELLI, A. **Comunicação e Educação**: A linguagem em movimento. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5504165/mod_resource/content/1/Comunicac%CC%A7a%CC%83o%20e%20Educac%CC%A7a%CC%83o%20_CITELLI.pdf. Acesso em: 29 jan. 2024.
- CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. de **Nos labirintos da moral**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2018. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/148492/epub/0>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- DAHL, R. **A fantástica fábrica de chocolate**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.
- FREITAS, M. T. de A. **Vygotsky e Bakhtin** - Psicologia e educação: um intertexto. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- JUSTO, J. S. Escola no epicentro da crise social. *In*: LA TAILLE, Y. de; PEDRO-SILVA, N.; JUSTO, J. S. **Indisciplina, disciplina**: ética, moral e ação do professor. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 23-54.
- LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.
- LOPES ROSSI, M. A. G. **Sequência didática para leitura de crítica de cinema**. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2013. (Material do Projeto Observatório da Educação/UNITAU).

OLIVEIRA, M. K. de. O problema da afetividade em Vygotsky. *In*: LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-84.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

SILVA, E. R. da; ABUD, M. J. M. A identificação de valores em recordações docentes de histórias infantis. **Revista Intercâmbio**, v. XXVI, p. 61-79, 2012. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. The problem of the environment. *In*: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (ed.). **The Vygotsky Reader**. Translated by Theresa Prout. Oxford: Blackwell Publisher, 1994. p. 338-354.